

# Sofrimentos da Alma Masculina

## - aspectos psicopatológicos do homem numa visão arquetípica

“Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria  
Que o mundo masculino tudo me daria  
Do que eu quisesse ter  
Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara  
É a porção melhor que trago em mim agora  
É o que me faz viver  
Quem dera pudesse todo homem compreender, ó mãe, quem dera  
Ser o verão no apogeu da primavera  
E só por ela ser  
Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória  
Mudando como um Deus o curso da história  
Por causa da mulher”

*Gilberto Gil*

### **1 - O Complexo Paterno e a Consciência Masculina**

O menino, diante do desamparo crucial da infância, coloca no pai a responsabilidade absoluta pela sua segurança, e espera ardentemente que isso lhe seja garantido. Por comparação, se dá conta da sua condição de fragilidade diante do mundo. O pai tende, no imaginário infantil, a honorificar-se como um deus. A força da influência da figura paterna revela aspectos para além do pai real: o Pai arquetípico.

A dinâmica negativa do arquétipo do pai é extremamente marcante na vivência do homem. Sentimentos de estar sob o jugo de um deus rígido, de uma fonte de sabedoria, da medida de todas as coisas, da lei a ser seguida e do risco de perder a visão própria, a própria individualidade e a capacidade para a força, a criação e a ação acompanham a formação emocional do homem diante do pai.

Ao representar o Arquétipo do *Senex*, o pai acaba enfatizando o lado negativo deste vórtice arquetípico.

“O pai devora o falo do filho, impedindo que ele tenha acesso ao espírito, que é fundamental para que tenha ele próprio as características masculinas incorporadas à sua personalidade. Com isso, o filho identifica-se unilateralmente com o arquétipo do *Puer* e transforma-se no antagonista arquetípico do pai *Senex*, o que leva à falta de integração entre as partes contraditórias, porém necessariamente complementares, daquilo que é velho e do novo. Esta identificação unilateral com os arquétipos é o cerne dos problemas interpessoais entre pai-filho que impedem a *transformação* da relação entre eles, que no fundo é o impedimento do decorrer da ordem natural das coisas, a sucessão de tudo o que é velho pela promessa do novo. Um dia o filho se tornará pai, assim como o pai já foi antes um filho. A identificação com os arquétipos emperra este processo. A castração patriarcal é a forma como o pai tenta desesperadamente permanecer no poder, evitando o transcorrer do tempo e destino. Nesse sentido, não apenas o *Puer* é eterno; também o *Senex* tem o desejo de permanecer imutável.” (FABRE, 1997: 218)

A ação paterna negativa, dura, baseada na destrutividade, nos comentários mordazes, no escárnio, no silêncio agressivo, pode representar fatores de achatamento da personalidade do filho, diminuição das forças egóicas em formação, resultando em perturbações na autoconfiança.

Estudando o Complexo Paterno e por comparação ao tema da mãe devoradora, Murray Stein apresenta o tema do Pai Devorador. Em oposição ao pólo do Arquétipo Paterno que organiza o pai guardião e fortaleza, ele aponta para o outro pólo, o do pai devorador, baseado nas forças da rigidez, dos convencionalismos. Demonstra, nesse contexto, o quanto o pai devorador diz respeito a submissão à convenções e à experiência das normas do coletivo.

Stein usa a história “A Morte de Ivan Ilitch”, de Leon Tolstoi, como um retrato literário de importância enorme para a consciência devorada pelo pai. Mostra como Tolstoi apresenta Ivan como o filho de um oficial que tudo fez para que o

filho repetisse a sua própria história. Chama a atenção para a representação do Arquétipo do Senex, encorpado pelo pai de Ivan, “na forma do velho rei que deveria morrer, mas continua a reinar obstinadamente.” (Stein, 1979: 84)

A consciência devorada pelo Pai parece quase sempre ligada ao dinheiro, ao direito e ao poder. Vincula-se igualmente à vivência da repressão, da super-visão. Essa relação pode ser associada simbolicamente ao funcionamento de um tribunal, onde se delibera sobre, se ordena a respeito, se acusa, se apela, e se interpreta leis.

“Como autoridade final em questões do certo e do errado, do permitido e do proibido, reforçam os valores coletivos da sociedade. Em resumo, mantêm e apoiam as atitudes e valores interligados que formam a espinha dorsal de uma cultura.” (Stein, 1979: 85)

A personalidade masculina da consciência devorada pelo Pai é aquela que se vê destinada a ser tal como se é durante toda a vida, ela se baseia na idéia de dever diante de qualquer outra qualidade emocional, transformando a vida em hierarquias de autoridades. São fundamentos do princípio da Permanência.

A individualidade está contornada em sua constituição e processo pelas autoridades do mundo externo, pelos valores dominantes da consciência coletiva. Trata-se de uma adaptação preciosa à realidade externa. É o desenvolvimento da coletivização da consciência. “O que mais precisamente deveria expressar sua individualidade traz à luz apenas o seu aspecto mais coletivo.” (Stein, 1979: 86)

O filho do pai devorador se afasta do mundo feminino, da vida criativa e vai perdendo sua alma; sufoca as forças inconscientes da individualidade, compartimentaliza, impõe regras abstratas, afoga *Eros*; tem muitas relações, mas não tem amigos; tiraniza e tiraniza-se através da ordem e da pontualidade.

Na meia-idade, esse homem, em seu ápice de realização tende a ser acometido por eventos dramáticos podendo trazer uma sensação de revisão da vida que

muito incomoda. Percebe a morte e pode então perceber a vida. Aquilo que viveu lá atrás e que não valorizou em nada, “aqueles impulsos vagamente perceptíveis que tinha suprimido, poderiam ter sido a única coisa verdadeira, e todo o resto falso. E seus deveres profissionais, sua família, e todos os seus interesses sociais e oficiais poderiam ter sido falsos.” (Stein, 1979: 88)

Nem sempre o devorado pelo Pai é o homem do dever. Muitas vezes ele se manifesta exatamente na polaridade oposta. É o anti-autoritário, o excêntrico, o rebelde, estruturado por uma oposição a consciência coletiva. A vida individual está igualmente afetada.

Aprofundando o estudo do complexo paterno na consciência masculina, Stein apresenta um estudo da mitologia grega, na figura de Urano, Cronos e Zeus, deuses dominantes, reis, governantes indisputados. Enfim, todos reis, pais e, portanto, pais devoradores.

## **2 - O Fenômeno *Animus/Anima***

Walter Boechat faz um estudo acerca dos mitos e arquétipos do masculino que nos ajuda a compreender o fenômeno *Animus/Anima* no homem. Comentando sobre o “crescente movimento de emancipação da mulher”, ele aborda a relação entre esse movimento e o novo papel do homem na atual civilização. E diz: “o referencial teórico de Jung, com seu conceito de *Anima*, a tonalidade feminina do inconsciente do homem, e seu equivalente na mulher, o *Animus*, é de enorme valia na apreciação destas mudanças”. (Boechat, 1997: 21)

Sim, parece estar em construção um novo homem, relacionando-se com uma nova mulher, que pode ser examinado através do modelo arquetípico que Jung denominou o “quatérnio do casamento”, mulher-homem-*Animus-Anima*. O novo

desafio do masculino, em oposição àquele homem que não podia dar espaço social à mulher, tem sido buscar uma relação mais apurada com sua *anima*, enfim com o feminino em si mesmo inconsciente e com o feminino no mundo. Estar buscando o feminino não representa para o novo homem uma ameaça à sua virilidade ou à sua afirmação de si mesmo, pelo contrário, implica numa ampliação de habilidades humanas.

Em seus argumentos a respeito da masculinidade, Boechat traz o tema da competição masculina e ilustra-o associando-o ao mito da cosmogonia de Hesíodo. Esta cosmogonia grega apresenta a origem do universo na dinâmica do casal primordial de deuses: *Gaia*, a grande mãe, e Urano, o céu, o pai. Uma cosmogonia que indica que o movimento da constituição das gerações de deuses partiu do temor de Urano em vir a ser destituído pelos filhos e a sua imediata ação dirigida para impossibilitar o nascimento deles. No desdobramento desta fantástica criação, *Crono*, seu filho mais novo, assessorado por *Gaia*, castra o pai quando Urano vem com ela fazer amor. *Crono*, por sua vez marcado pelo mesmo *fatus* paterno, devora seus filhos logo depois de nascerem. Zeus, o filho mais novo de *Crono*, ajudado pela mãe *Rhéa*, é salvo de ser devorado. E quando se vê ameaçado pela possibilidade de vir a ser substituído por um filho seu, Zeus devora *Méthis*, sua mulher grávida.

“Aqui se configura a problemática sombria dos arquétipos do masculino, a constante competição, característica da cultura machista, a incapacidade de criatividade e originalidade. As várias gerações repetem a atitude de devoramento, de pai para filho”. (Boechat, 1997:26)

Nesse estudo psico-mitológico, aparece igualmente a maneira como a cosmogonia resolve o encaminhamento de tamanha repetição competitiva e ciclicamente destruidora. De Zeus, num doloroso parto marcadamente masculino, vem à luz, através de sua cabeça, Palas Atena.

“Dentro de uma leitura arquetípica da psicomitologia, Atena representa o arquétipo da *anima*, a capacidade de fantasiar e de imaginar, que brota da mente masculina. No momento em que este brotamento ocorre, os sucessivos

devoramentos cessam, e o equilíbrio se instala no Olimpo”. (Boechat, 1997: 26)

Parece possível, a integração dos dois aspectos básicos da psique humana. Parece possível que, a partir deste encontro terrivelmente incômodo com a sua *Anima*, o homem possa recompor-se da sua atávica obsessão pela competição.

“Como anteriormente referi, a saída do impasse da tirania dos arquétipos masculinos passa pela integração da anima. O homem que se relaciona de modo cada vez mais consciente com sua feminilidade inconsciente, que se manifestará como criatividade, imaginação e sensibilidade é o homem do futuro, que poderá questionar os padrões neuróticos de repetição e devoramento”. (Boechat, 1997: 28)

Outro aspecto que entra nesse estudo, diz respeito às “qualidades” do masculino em seu pressuposto arquetípico. Trata-se da consciência (em polaridade com o Inconsciente feminino); refere-se à importância da temporalidade, do valor da cultura e da tradição; relaciona-se à afirmação do impulso penetrante, criativo e transformador; trata-se, enfim do “arquétipo do espírito”.

Outros aspectos arquetípicos estão associados ao desenvolvimento do masculino.

- O *Puer Aeternus*, “o masculino em estado nascente”: sem o poder objetivo da masculinidade mas com o recurso da sedução; sob a égide profunda do arquétipo da grande mãe e fadado a, em algum nível, morrer para que outros arquétipos se façam presentes; espírito jovem e renovador que se opõe, e, por isso, se faz a verticalidade masculina;
- O *Trickster*, “o masculino emergente”: em transição para a masculinidade adulta; em renovação constante; com a sensualidade ativa e dirigida à fora; intermediário entre o *Self* e o *Ego*, entre o *Puer aeternus* e o Pai.
- O Herói: associado aos “ritos de passagem”, aos elementos estruturadores da consciência masculina, ao eterno nascimento, à formação da virilidade, ao que “mata os instintos”;
- O Pai: “fundamental na estruturação do *Ego*”, na manifestação do princípio da lei, do permitido e do proibido”; ligado à construção do abstrato masculino, em

polaridade ao concreto feminino; energia da possibilidade da confiança e da cultura;

- O Velho Sábio”: transcendência do aspecto heróico da masculinidade; a reflexão;

“O sábio aparece nos mitos e lendas, aconselhando o herói, pouco antes deste se lançar na tarefa sobre-humana. Personifica o masculino em seu mais alto grau de diferenciação, o espírito que “sopra onde quer” e produz as mais sutis e eficazes transformações psíquicas”. (Boechat, 1997: 40)

—

### **3 - A Sombra nos Arquétipos do Masculino Maduro**

#### **3.1 - Introdução**

Robert Moore, analista junguiano e pioneiro no movimento masculino e Douglas Gillette sustentam que a masculinidade amadurecida não é agressiva, dominadora nem grandiosa, mas sim geradora, criativa e fortalecedora em relação a si mesma e aos outros. Em seu livro *Rei, Guerreiro, Mago, Amante*, eles apresentam os quatro arquétipos principais do masculino. Eles apontam que a história do desenvolvimento de cada homem é, em grande parte, a história do seu fracasso ou seu sucesso em descobrir dentro de si esses aspectos da masculinidade madura.

Considerando o relacionamento entre a Sombra e cada um destes Arquétipos, Moore e Gillette apresentam uma espécie de tipologia do sofrimento e percalços da alma masculina. Levam em conta as Sombras do Arquétipo do Rei (O Tirano e o Covarde), do Arquétipo do Guerreiro (O Masoquista e o Sádico), do Arquétipo do Mago (O Manipulador e o “Inocente” Negador) e do Arquétipo do Amante (O Viciado e o Impotente).

#### **3.2 - A sombra no arquétipo do rei: o tirano e o covarde**

Segundo a teoria dos arquétipos do masculino amadurecido, a estrutura da Sombra apresenta-se sempre numa característica bipolar: passiva-ativa. Denominam-se de Covarde o pólo passivo do Rei da Sombra, e de Tirano o pólo ativo.

Demonstra-se, na história do nascimento de Cristo, a presença do aspecto do Tirano.

“Logo após o menino Jesus nascer, o Rei Herodes descobre que o bebê nasceu e que está no mundo, no mundo que ele, o rei, controla. Manda os soldados até Belém procurar o novo rei – a nova vida – e matá-lo. Como Jesus é uma Criança Divina, ele foge a tempo. Mas os soldados de Herodes matam todas as crianças do sexo masculino na cidade.” (Moore & Gillette, 1993: 62, 63)

Sempre que o novo nasce, uma espécie de Herodes interno ataca. O aspecto Tirano odeia, teme e inveja o que é novo na vida, percebe o novo como uma ameaça ao próprio reinado, ao controle; não se sente seguro da própria capacidade geradora e da ordem pessoal interior – as estruturas do *Self*.

A história bíblica do Rei Saul contribui para aprofundar a visão dos aspectos dinâmicos da tirania emocional.

“Saul é um outro rei mortal que se tornou possuído pelo Tirano. A sua reação ao recém-ungido Davi é a mesma de Herodes a Jesus. Reage com medo e raiva, e procura matá-lo. Embora o profeta Samuel lhe tenha dito que Javé não quer mais que ele seja rei – isto é, que encarne a energia do Rei para seus súditos –, o Ego de Saul tornou-se identificado com o arquétipo e se recusa a abandonar o trono.” (Moore & Gillette, 1993: 63)

O Tirano é aquele que explora e maltrata os outros, ele é cruel, não tem piedade e não é sensível quando está em jogo algo que seja do seu interesse pessoal. O homem “tirano” recusa a beleza, a inocência, a força, o talento, a energia vital.

Teme o contato com o que falta em sua estrutura interior e aterroriza-se ao aproximar-se da sua própria fraqueza oculta e da sua impotência latente.

Na história pessoal da formação do Rei da Sombra, o pai Tirano costuma atacar a alegria, a força, a capacidade e a vitalidade de seus filhos. O *Senex* Tirano teme a juventude do *Puer*, teme qualquer nova maneira de ser, teme a vida nova que brota através dele, “e quer matar tudo isso”. Desvaloriza os interesses dos filhos, de suas esperanças e de seus talentos. Ignora suas vitórias, seus feitos escolares, suas tristezas e desapontamentos. Em muitas situações, esses ataques ultrapassam a indiferença ou até mesmo as agressões verbais ou psicológicas; às vezes se tornam maus-tratos físicos, palmadas, surras, agressões sexuais. “O pai possuído pelo Tirano pode explorar sexualmente a fraqueza e vulnerabilidade de suas filhas e até de seus filhos.” (Moore & Gillette, 1993:65)

Outro aspecto da manifestação do Tirano, no homem,

“podemos vê-lo agindo a maior parte do tempo em certas configurações da personalidade, mais notadamente nos chamados distúrbios narcísicos. Essas pessoas realmente acham que são o centro do universo (embora elas mesmas não estejam centradas) e que os outros existem para servi-las. Em vez de espelhar os *outros*, elas querem que os outros as espelhem. Em vez de ver, querem ser vistas.” (Moore & Gillette, 1993:66)

O homem que é possuído pelo Tirano, torna-se bastante suscetível à críticas, mesmo quando aparenta uma resposta agressiva e ameaçadora diante dela. A rigor, ele sente-se fraco e esvaziado e não expressa essa condição. A camada emocional que mais aparece é a da raiva. Os sentimentos de tristeza, mágoa, insignificância, vulnerabilidade e fragilidade estão mais reclusos, num outro pólo do sistema da Sombra do Rei: o do Covarde. Este outro pólo diz respeito ao fato de, em não podendo se identificar com a energia do Rei, partir-se para um nada.

O pólo passivo da Sombra do Rei tem ânsia pelo espelho, pelo “Adorem-me!”, pelo “Vejam como sou importante!”. Isso é a base emocional para as explosões

de ira e para os ataques na direção de quem é considerado frágil, isto é, naquelas direções nas quais projeta a sua própria covardia.

“O general Patton, com todas as suas virtudes, evidentemente no fundo tinha medo da sua própria fraqueza e covardia. No filme *Patton*, isso se revela quando ele está visitando um hospital de campanha durante a Segunda Guerra Mundial. Ele vai de leito em leito, cumprimentando os feridos e distribuindo medalhas (o que o Rei na sua plenitude faz). Mas aí ele chega perto da cama de um neurótico de guerra, pergunta-lhe qual o seu problema, e o soldado responde que seus nervos estão em frangalhos. Em vez de reagir com a compaixão do Rei vivificador, que sabe o que seus homens estão passando, Patton parte para cima do outro, irado, esbofeteia-lhe o rosto, chama-o de covarde, humilha-o, ofende-lhe e manda-o de volta à frente de batalha. Embora ele não saiba, o que viu foi o rosto do seu próprio medo e fraqueza ocultos projetados no outro. Teve a visão do Covarde interior.” (Moore & Gillette, 1993:67)

Ao homem organizado a partir do Covarde, e por não poder encontrar-se facilmente com as experiências de centramento, de calma e de segurança interiores, advém a desconfiança. Essa desconfiança, dependendo do enquadre psicossocial em que está relacionada, transforma-se em paranóia. Em função da dinâmica bipolar da Sombra, o homem tem realmente o que temer, já que a sua atitude opressiva e cruel gera incômodos em outros que podem desejar pagar na mesma moeda.

“Observamos isso em Herodes, Saul e Calígula, quando, incapazes de dormir à noite, andam pelo palácio, atormentados pelo medo da deslealdade de seus súditos – no caso de Saul, até de seus filhos – e da desaprovação de Deus, o Verdadeiro Rei.” (Moore & Gillette, 1993:67)

Para Moore e Gillette, há modelos arquetípicos infantis subjacentes aos modelos arquetípicos adultos. Ao Arquétipo do Rei corresponde, na infância, a grandiosidade da Criança Divina. E desde lá, a Sombra do Tirano surge, vivida como o “Tirano da Cadeirinha Alta”. É próprio da Criança Divina, como o Menino Jesus, querer e precisar ser amado, inclusive pelos reis. Os pais precisam estar

atentos para poder proporcionar à criança a experiência de “adoração” suficientemente boa, acompanhada de uma afirmação adequada, com a intenção de facilitar a descida dos filhos da “cadeirinha alta” sempre que necessário. Os pais nem sempre podem ajudar a seus bebês a se humanizar aprendendo paulatinamente a se desidentificar com a Criança Divina. O menino terá tendência a resistir à perda do trono de “Sua Excelência o Bebê”; mas tomara que encontrem uma perseverança amorosa por parte dos pais na direção de “baixar-lhe a crista”!

Outra vivência comum da infância, é aquela em que o menino, desde o início, é maltratado e atacado na sua grandiosidade e glória. Nesse caso, o menino “Criança Divina/Tirano da Cadeirinha Alta” pode sofrer um corte e um afundamento rumo ao inconsciente. É aí que vira presa do poder do “Príncipe Covarde”. Adultos que parecem frios, racionais e simpáticos, e subitamente transformam-se numa pessoa totalmente bruta e primitiva, estão agindo predominantemente sob a égide do Covarde. Sob as enormes pressões do mundo, esse homem pode tornar-se o homem cujo o poder corrompe.

### 3.3 - O guerreiro da sombra: o sádico e o masoquista

Dentro da Teoria da Redescoberta dos Arquétipos Masculinos, o distanciamento que o indivíduo venha a fazer da energia do Guerreiro nas relações humanas traz para ele perturbações importantes. Há muito sofrimento no caminho desse afastamento vivido a partir da Sombra bipolar do Guerreiro.

“No filme *The Great Santini*, Robert Duval representa um piloto de combate da Marinha que chefia sua família como se fosse um corpo de fuzileiros navais em miniatura. A maioria das suas observações e o seu comportamento com a mulher e os filhos são no sentido de desvalorizar, criticar, comandar e destinam-se a estabelecer distância entre ele e os membros da família, que estão sempre procurando relacionar-se com ele de forma afetuosa. A destrutividade desse modo de se ‘relacionar’ acaba tornando-se tão óbvia, principalmente para o filho mais velho, que já não se pode esconder o fato de que o comportamento por vezes violento de Santini resulta da sua própria

incapacidade de ser terno e autenticamente íntimo. O “Grande Santini”, sob o poder do Sádico, está sempre com a ‘espada’ emocional desembainhada, ameaçando todo mundo – as filhas, que precisam ser tratadas como meninas, e não como fuzileiros; o filho mais velho, que precisa da sua orientação e do seu cuidado; e até a esposa. Há uma cena horrível na cozinha, quando finalmente tudo vem à tona; Santini agride fisicamente a mulher, e então as crianças o agredem. Não obstante o afastamento em si não ser necessariamente ruim, como dissemos, ele deixa a porta aberta para o ‘demônio’ da crueldade. Como tem essa área dos relacionamentos muito vulnerável, o homem sob a influência do Guerreiro precisa com urgência ter a mente e os sentimentos sob controle: não reprimidos, mas sob controle. Senão a crueldade se esgueira pela porta dos fundos, quando ele não está olhando.” (Moore & Gillette, 1993:86)

Pode-se encontrar dois tipos de crueldade, uma fria e outra com paixão.

“Um exemplo do primeiro tipo é um exercício que os nazistas usavam no treinamento dos oficiais da SS. Os candidatos à unidade criavam cachorrinhos, cuidavam deles todos os dias, alimentando-os e escovando-os, brincavam com eles. Então, num dia escolhido arbitrariamente pelo treinador, ordenava-se que eles matassem os animaizinhos, e tinham que fazer isso sem demonstrar nenhum sentimento. Esse treino de frio sadismo parece que funcionava porque esses mesmos homens se tornaram as máquinas assassinas que dirigiam os campos de extermínio – sistematicamente, e sem emoção, torturando e matando milhares de seres humanos, sem deixarem de se achar “bons rapazes”. (Moore & Gillette, 1993: 86, 87)

Outro tipo de crueldade é a do Sádico apaixonado.

“Na mitologia, ouvimos falar de deuses vingativos e da ‘ira de Deus’. Na Índia, vemos Xiva executando a dança da destruição universal. Na bíblia, Javé ordena a destruição pelo fogo de civilizações inteiras. No início do Velho Testamento, encontramos esse Deus irado e vingativo reduzindo o planeta à lama com um grande dilúvio, matando quase todos os seres vivos.” (Moore & Gillette, 1993: 87)

Este tipo de crueldade diz respeito ao Guerreiro com o espírito vingativo, especialmente quando se sente muito assustado ou aborrecido. É a conhecida “sede de sangue” masculina; “sede” que os domina nas situações estressantes de combate, de confrontos, de grande exigência e necessidade de autocontrole.

“Há uma cena no filme *Apocalypse* em que a tripulação da canhoneira americana, na abordagem de uma sampana, entra em pânico e mata todo mundo na sampana. Só depois que o medo cede é que eles percebem que as pessoas que acabaram de matar na sua ‘fúria de lutar’ eram inocentes aldeões que estavam indo ao mercado. Uma cena semelhante aparece no filme *Platoon*, quando os pracinhas abrem fogo contra uma aldeia vietnamita indefesa. Esse tipo de explosão selvagem vem assombrando os americanos desde o incidente em My Lai, quando o tenente Calley, aparentemente aterrorizado e com raiva, mandou que matassem todos os homens, mulheres e crianças da aldeia. Que o Guerreiro sádico realmente gosta dessa carnificina e crueldade fica explícito novamente em *Patton*, quando o General olha os restos fumegantes e os corpos carbonizados de um grande confronto entre carros blindados das forças americanas e alemães, e suspira: “Puxa, adoro isto!” (Moore & Gillette, 1993: 87)

Há uma relação entre a crueldade do Guerreiro sádico e a energia do Herói; há até mesmo semelhanças entre o Guerreiro da Sombra e o Herói. Há na experiência do Guerreiro da Sombra adulto a repercussão da insegurança do adolescente, da emotividade violenta e do desespero do Herói ao confrontar o poder feminino absorvedor. Aqui, há uma tendência à constelação do pólo masoquista da Sombra do Herói. O homem possuído pela bipolaridade do Guerreiro da Sombra não pode afirmar-se legitimamente quanto a sua posição fálica, precisa avançar na luta contra a energia feminina e contra tudo o que lhe parece ‘suave’ e afetivo. Na verdade, sente-se aterrorizado com o risco de ser engolido pelo feminino e por isso passa a agir com brutalidade insensível.

Vemos esse Guerreiro destruidor no ambiente de trabalho sempre que um chefe humilha, atormenta e despede injustamente. Vemos sempre nos maltratos de subordinados. Vemos nos lares, o Sádico que espancam mulheres e crianças. Em

muitos momentos, o homem pode estar vulnerável ao Guerreiro Sádico. Podemos ver no conhecido distúrbio da personalidade compulsiva: os *workaholics*, por exemplo, são personalidades que agem no esforço, conseguem produzir muito, mas impulsionados por uma profunda ansiedade, a do desespero do Herói.

Estar nessa posição implica numa percepção diminuída da própria estima; numa dúvida quanto ao que se deseja realmente, não sabendo o que faz falta e portanto também não fazendo contato com o que se precisa ter. O ataque a tudo e a todo mundo – inclusive a si mesmo – prepara um processo de vir a ser devorado vivo pelo Guerreiro Sádico, ser “queimado”. Se precisa admitir que não se está cuidando bem de si mesmo, que não se está cuidando do seu bem-estar físico e mental, é provável que tenha sido tragado pelo Guerreiro da Sombra.

Quando o indivíduo, por qualquer razão que seja sente-se obrigado a dar o melhor de si o tempo todo, uma vulnerabilidade ao sistema da sombra do Guerreiro vai se instalando. Quando não há segurança com relação à própria estrutura interior, engendra-se uma *performance* no mundo externo, à busca da sustentação da autoconfiança. O homem que se torna obcecado com o sucesso já é fracassado, e, de verdade, está tentando com isso reprimir o masoquista dentro dele, mas já revelando comportamentos masoquistas e autopunitivos.

“O Masoquista é o pólo passivo da Sombra do Guerreiro, o ‘galinha-morta` o ‘cachorrinho escorraçado` que se esconde logo atrás das demonstrações iradas do Sádico. Os homens têm razão de temer o Covarde que existe dentro deles, ainda que não tenham o bom senso de temer o seu macho aparente. O Masoquista projeta nos outros a energia do Guerreiro e faz o homem se sentir impotente. O homem possuído pelo Masoquista é incapaz de se defender psicologicamente; permite que os outros (e ele mesmo) fiquem pressionando, que excedam os limites daquilo que lhe é possível suportar sem perder o respeito por si mesmo, sem falar na saúde física e psicológica. Todos nós, seja como for o modo como vivamos, somos suscetíveis de cair em poder da Sombra bipolar do Guerreiro em qualquer área das nossas vidas. Talvez não saibamos quando terminar um relacionamento insuportável, sair de um círculo de amizades ou de um emprego frustrante. Ouve-se falar muito de ‘Saia

enquanto você estiver com a bola`, ou `Aprenda a pular fora`. A personalidade compulsiva, não importa os sinais de perigo, tenta tirar água de pedra e vendo o seu ouro virar cinza no final. Se estivermos sob poder do Masoquista, vamos aceitar muitos abusos durante muito tempo e então explodir sadicamente numa violência verbal e até física. Essa oscilação entre os pólos ativo e passivo das Sombras arquetípicas é típico desses sistemas disfuncionais”. (Moore & Gillette, 1993: 91, 92)

### 3.4 - O mago da sombra: o manipulador e o “inocente” negador

Também para o Arquétipo do Mago, como em todas as outras formas de Arquétipos do masculino amadurecido, há o lado da Sombra. Como nos demais, trata-se do “Mago da Sombra bipolar”.

“Basta apenas lembrar o problema cada vez maior dos lixos tóxicos envenenando e destruindo o meio ambiente do nosso planeta. Os `esfregões e baldes` do aprendiz de feiticeiro proliferam enquanto se escancara o buraco na camada de ozônio, os oceanos devolvem os nossos dejetos, a fauna e a flora perecem (muitas espécies em total extinção), as florestas tropicais brasileiras vêm abaixo, não só destruindo o sistema ecológico no Brasil mas ameaçando também a capacidade de todo o globo terrestre de produzir oxigênio suficiente para manter a maioria das formas de vida.” (Moore & Gillette, 1993: 108, 109)

É do Mago da Sombra que nos vem os dias mais tenebrosos das Guerras Mundiais. O domínio da natureza, da tecnologia, a ciência da indústria bélica vem atacando cegamente; já sentimos há algum tempo seu resultado e já estamos com os relógios marcando o tempo que temos para recuperação. A política da Manipulação é o rosto atual do Mago da Sombra.

O Mago da Sombra é uma Sombra do poder. O homem na Sombra do Poder não guia os outros por caminhos escuros; não se interessa em fazer iniciações graduais na direção de vidas melhores, mais felizes e satisfatórias. O Manipulador interessa-se em manobrar, em reter informações, em cobrar caro por qualquer

pequena informação que dá, em demonstrar sua superioridade e o quanto ele sabe.

Nas escolas, o Mago da Sombra nos professores teima em não orientar os jovens no avanço e no crescimento das habilidades diante do conhecimento, esses homens tendem a atacar seus alunos, a se opor ao entusiasmo juvenil.

“Muitos homens envolvidos na prática da medicina moderna revelam essa Sombra de poder também. Todos sabem que quem ganha melhor na medicina é o especialista, aquele que é iniciado nas áreas refinadas do conhecimento. Há, sem dúvida, muitos médicos especialistas sinceramente interessados no bem-estar de seus pacientes. Mas um grande número deles não lhes revelam detalhes importantes sobre as suas doenças. Especialmente no campo da oncologia, é comum os médicos reterem informações importantes que permitiriam aos pacientes e à família destes se prepararem para os sacrifícios do tratamento e para a possibilidade da morte. Além disso, os elevados custos da medicina – especialmente de equipamentos e métodos estrangeiros – são um testemunho da ganância, não só de poder (o poder que o conhecimento secreto dá a quem o possui), mas também de riqueza material, de que são vítimas os homens possuídos pelo Manipulador. Esses homens estão usando seus conhecimentos secretos em seu próprio proveito primeiro, e só depois em benefício dos outros, talvez.” (Moore & Gillette, 1993: 109, 110)

Os advogados que tem acesso a um conhecimento tal que pode vir a acabar ou não com a vida de alguém; o terapeuta que esconde informações que o cliente precisa para melhorar seu estado, considerando-se mais sabedor do seu cliente do que o próprio; o anunciante que, através da manipulação em massa da psique do público pelos anúncios, favorece opiniões totalitárias; todos esses são homens sob o poder do Manipulador. Numa espécie de cínico distanciamento dos valores humanos e num abraço estonteante às tecnologias subliminares manipuladoras, magoam a si mesmo fundamentalmente, no que magoam aos demais. Este é o homem que se afasta da própria vida e não a vive, fica preso nos prós e nos

contras, se perde num tortuoso conjunto de pensamentos, e de onde não saem facilmente.

Os homens dominados pelo Mago da Sombra temem a vida, temem “saltar para a batalha”, temem sair da caverna; só pensam. E o tempo passa e a esterilidade grassa. São *voyeurs*, “aventureiros da poltrona”. No medo de viver, reagem ao sofrimento de diversas maneiras e, ainda assim, não podem transformá-lo. Também as vivências prazerosas podem passar para eles sem que alimentem a genuína alegria e o sentimento de gratidão. Nunca estão interessados em compreender a presença do sofrimento, a trabalhar sobre si mesmos e ajudar os outros a criarem novas direções de desenvolvimento. E conseqüentemente também não se dedicam nunca ao exercício da reverência à força e à beleza que permeiam o viver humano, com a intenção de aquecer e avivar o próprio coração e os dos demais. Acabam, assim, isolando sua própria alma, como aquele homem que

*“...gostava de ler e se julgava superior aos seus semelhantes. Rejeitava as tentativas que as outras pessoas faziam para conhecê-lo e levá-lo a dividir o seu considerável conhecimento. Então aconteceu uma guerra nuclear, e esse homem foi o único ser humano vivo que sobrou na terra. Em vez de ficar arrasado com isso, ele ficou exultante e correu para a biblioteca mais próxima. Encontrou o prédio em ruínas e milhares de volumes espalhados pelo chão. Feliz, inclinou-se para examinar a primeira pilha de livros, e deixou cair os óculos no meio do entulho. As lentes se partiram.” (Moore & Gillette, 1993: 111)*

Enfim,

“sempre que nos afastamos, que não nos relacionamos, que retemos algo que sabemos que poderia ajudar outras pessoas, sempre que usamos o nosso conhecimento como uma arma para humilhar e controlar os outros, ou para nos gabarmos às custas do nosso *status* ou riqueza, estamos identificados com o Mago da Sombra como Manipulador. Estamos fazendo magia negra,

prejudicando-nos da mesma forma que às pessoas que poderiam beneficiar-se da nossa sabedoria.” (Moore & Gillette, 1993: 111)

Já o pólo passivo da Sombra do Mago, as forças do Ingênuo do Inocente, parte da “Sombra da Criança Precoce” e se torna o “Palerma”. Ele aspira o poder socialmente aprovado do mago, mas não se responsabiliza pelas ações necessárias para encetá-las. Nunca está interessado em fazer o esforço necessário para adquirir o poder de maneira construtiva, pelo contrário, tende a bloquear os outros, e a derrubá-los.

O Trapaceiro, o manipulador, o lado ativo do Mago da Sombra, prega peças, mente para mostrar a verdade. Já o Inocente, o ingênuo, o palerma, oculta a verdade para defender seu lugar precário. O Inocente é presa da inveja, inveja da vida. Atitudes comoventes, observações defladoras, hostilidade diante de perguntas, acúmulo de perícia, destinam-se a encobrir uma irresponsabilidade e a inércia.

O “pecado” da inércia e o da omissão, junto a motivos hostis revelam uma falsa ingenuidade, uma atitude traiçoeira e dissimulada. Eles jamais permitem o envolvimento com a energia do Guerreiro; mantêm, assim, um processo infundável de dúvidas quanto a quem realmente é o “pecador”. Esses pecados não toleram ser desafiados na sua inocência; apelam pra qualquer coisa que culpabilize o desafio; manipulam para permanecer Inocentes.

### 3.5 - O amante da sombra: o viciado e o impotente

Dentro do Arquétipo do Amante, o homem está sob a ação de uma energia potencial de vida e de bem-estar, mas enquanto possuído pelo Amante da Sombra, essa energia gera destruição. O Amante *Viciado* se pergunta sempre: “Por que tenho que restringir a minha experiência sensual e sexual deste vasto

mundo, um mundo que contém prazeres infinitos para mim?” (Moore & Gillette, 1993:129)

O Viciado caracteriza-se pela sua desorientação, por achar-se perdido num mar de sentidos, qualquer sensação advinda do mundo convida-o para fora do centro de si mesmo.

“Ele cai na solidão do apito de um trem no meio da noite, na devastação emocional de uma briga no escritório, na sedução das mulheres que encontra pela rua. Puxado primeiro para um lado, depois para outro, ele não é dono do seu próprio destino. Cai vítima da sua própria sensibilidade. Funde-se no mundo de visões, sons, odores e sensações táteis.” (Moore & Gillette, 1993:130)

As personalidades supostamente viciadas não conseguem parar de comer, beber, fumar ou usar drogas. Tende a viver pelo prazer do momento apenas, numa espécie de imobilidade inescapável. É o conhecido “pecado da sensualidade”. É o estado *maya* dos hindus, a dança da ilusão, o encantamento que condiciona a mente, aprisionando-a na polaridade dor/prazer.

Desligar-se e distanciar-se dos próprios sentimentos, libertar-se de casamentos e relações destrutivas, é impossível. Viciam-se em relacionamento.

O homem no pólo ativo do Amante da Sombra está eternamente inquieto, está sempre procurando algo, sempre em busca de uma aventura, uma outra emoção. Quer ampliar as fronteiras, quebrar os limites da sensualidade, para apenas ser feliz. “É James Bond e Indiana Jones, amando e partindo para amar novamente, e de novo partindo.” (Moore & Gillette, 1993: 132,133)

Esses homens encantam-se com a beleza das partes femininas, mas não sentem a mulher como um todo físico e emocional, como uma unidade entre o corpo e a alma. Não encaram as parceiras como pessoas completas e o fato de que com elas poderiam, se pudessem, ter um encontro afetivo íntimo.

Jamais buscarão, a não ser que desejem livrar-se da possessão da energia do Viciado, os movimentos no sentido de compreender a própria trajetória e de buscar saídas para os labirintos da vida emocional. Olhar para a riqueza inesgotável dos encontros humanos vividos ao longo da caminhada e descobrir que a esses vínculos devem a própria humanidade, será a única saída desse seu labirinto.

Sob o poder do Viciado, o homem se contorce e luta para sair do mundo. “Parem o mundo, que eu quero descer! Mas, em vez de tomar o único caminho que existe, ele se agita e piora a situação. Ele se debate na areia movediça e só faz afundar.” Ele busca o orgasmo pleno, máximo e para sempre.

“Cada mulher que ele tem o faz confrontar-se com a mortalidade, a finitude, a fraqueza e as limitações dela, desfazendo-lhe assim o sonho de *desta vez* encontrar o orgasmo infindável - em outras palavras, quando o entusiasmo ilusório da união perfeita com ela (com o mundo, com Deus) se apaga, ele encilha o cavalo e sai em busca de renovação do seu êxtase. Precisa da sua ‘dose’ de alegria masculina. Precisa mesmo. Só não sabe onde buscar. Acaba procurando a sua ‘espiritualidade’ numa carreira de cocaína.” (Moore & Gillette, 1993:134)

O Amante Viciado é possuído pelo seu próprio inconsciente pessoal e pelo inconsciente coletivo. Seus limites, não bastam para diferenciar o Ego consciente das forças irresistíveis do inconsciente.

“Um homem sonhava sempre que corria pelas ruas de Chicago, escondendo-se atrás dos arranha-céus de uma onda imensa, quilométrica, que vinha do lago Michigan e ameaçava inundar a torre da Sear’s. Todas as noites o seu sono era perturbado, não só por esse, mas também por uma ‘mar’ de sonhos. (...)O inconsciente surgido para ele como uma onda vinda do lago (lembrem-se do aprendiz de feiticeiro!) assemelha-se à imagem universal do inconsciente como ‘profundezas’ caóticas da Bíblia, como oceano primordial dos antigos mitos da criação de onde emergiu o mundo masculino estruturado. Esse caos oceânico – o inconsciente – é, como vimos, concebido em muitas mitologias como feminino.

É a Mãe, e representa a sensação claustrofóbica que o menininho tem de estar fundido com ela. O homem que sonhava com a onda estava na realidade sendo ameaçado pela irresistível força de seus problemas relacionados com a Mãe, não-solucionados. O que ele precisava fazer era resolver as suas estruturas do Ego masculino fora do inconsciente 'feminino'. Precisava voltar à fase Herói do desenvolvimento masculino e matar o dragão da sua ligação excessiva com a mãe mortal e com a Mãe - a 'Mãe todo-poderosa'." (Moore & Gillette, 1993:135)

Trata-se pois de um indivíduo-adulto-filhinho da mamãe, da mãe da infância. Esse homem ainda está no interior da Mãe, mas luta para sair.

"Há uma cena fascinante no filme *Mishima*, em que o jovem *Mishima* é atormentado até a obsessão pela imagem de um Templo Dourado (a Mãe, o inconsciente). É tão belo para ele que chega a ser doloroso. E se torna tão terrível que, para se libertar, o jovem precisa queimá-lo. Precisa destruir a beleza "feminina" fascinante e encantadora que o afastaria da sua masculinidade. E ele a destrói.

Essa necessidade de se desligar do poder caótico do inconsciente 'feminino', e de contê-lo, pode também ser em grande parte responsável por nossas perversões sexuais masculinas, especialmente as que se revelam na 'servidão' e na violenta humilhação sexual das mulheres. Podemos considerar esses atos repulsivos, tentativas, como a de *Mishima*, de 'amarrar', de repudiar para enfraquecer o irresistível poder do inconsciente em nossas vidas." (Moore & Gillette, 1993:135)

Nesse sentido, se o desejo do "Filhinho da Mamãe" é bolir no que não pode, na mãe, atravessar as fronteiras do tabu do incesto, ele está mesmo precisando aprender a importância dos limites e muitas vezes de um modo muito difícil e doloroso. Sua falta de genuína masculinidade e de um esforço em relação à disciplina vão lhe criar muitos problemas, poderá acabar sempre abandonado.

Ao contrário, mas na mesma perspectiva, o Amante Impotente vive sem emoções, estéril e monotonamente. É o conhecido estado psicológico do "afeto achatado": falta de entusiasmo, de vitalidade, de vigor de continuidade. Pode sentir-se

apático e entediado. Tudo se assemelha à passagem bíblica dos Eclesiastes onde está escrito: “Não há nada de novo sob o sol”. É o estado depressivo instalado. Estas pessoas

“não se sentem ligados aos outros e sentem-se desligados de si mesmos. Vemos isso com freqüência nas terapias. O terapeuta é capaz de dizer pela expressão do rosto do cliente, ou pela sua linguagem corporal, que algum sentimento está querendo expressar-se. Mas, se perguntarmos o que está sentindo, ele não tem a mínima idéia. Talvez diga: ‘Não sei. Só sinto uma espécie de nevoeiro. Uma névoa’. Quase sempre, isso acontece quando ele está se aproximando de um material realmente ‘quente’. Ergue-se um escudo entre o Ego consciente e o sentimento. Esse escudo é a depressão.” (Moore & Gillette, 1993: 136)

Fenômenos dissociativos podem aparecer. A fala de si mesmo na 3ª pessoa expressa uma irrealidade. A vida sexual desse homem pode se deteriorar; ele pode tornar-se sexualmente inativo. Desfaz-se em tédio, em falta de êxtase com a parceira, em ódio reprimido, em *stress* no trabalho, em inabilidade em relação a sua vida econômica, enfim, desfaz-se na sensação de estar sendo desvirilizado pelo feminino ou por outros homens em sua vida.